

A PARTICIPAÇÃO DO SOLDADO PORTUGUÊS NA GRANDE GUERRA E NOS CONFLITOS DO SEC XX E O MARCO HISTÓRICO QUE REPRESENTA PARA OS PORTUGUESES A BATALHA DO LYS E A CRIAÇÃO DA LIGA DOS COMBATENTES – 06.05.2017 – PORTO  
GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

É uma “comunhão de afectos” que nos reúne aqui hoje. Colocamos mais uma pedra naquilo a que venho chamando de Império da Alma. Relativamente a Portugal, geograficamente, desfizeram-se impérios - o império da Índia, o Império do Brasil, o Império de África - mas não perdemos o Império da Alma. É esse Império constituído por milhões de portugueses espalhados pelo mundo que importa aglutinar, aprofundar espiritual, patriótica, cultural e economicamente, ligando-os organizadamente em rede, reforçando o conceito da nossa Pátria secular. Desenvolvemos assim as nossas Forças Morais e Materiais, como factor do nosso Potencial Estratégico Nacional.

O século XX e o século XXI contribuíram para a evidência da necessidade desse Império da Alma português, ser factor importante para a nosso comportamento e força, nos organismos internacionais como a ONU, a UE ou a CPLP.

La Lys em França (1918) e Naulila em Angola e em Moçambique a partir de 1914, são episódios que, como a guerra do Ultramar (1961/1974) contribuíram para a necessidade de hoje se evidenciar esse nosso Imperio da Alma, pois muitos insistem terem sido derrotas, desastres ou mesmo tragédias militares. Não comungamos desta leitura da história. Quatro constantes porém, importa, em permanência, ter em consideração e evidenciar na actuação do soldado português:

- Em primeiro lugar, durante todo o século XX e XXI, o soldado português ao serviço das nossas forças armadas empregues na grande guerra, na guerra do ultramar e nas operações de paz, nunca iniciou as hostilidades nem invadiu nunca nenhum país, nem território.
- Uma segunda constante. O soldado português nas nossas forças armadas foi sempre empregue longe da sua base de retaguarda, a milhares de Km de distância do seu berço, num esforço heróico e hercúleo. Assim aconteceu na Grande Guerra, na Guerra do Ultramar e acontece hoje nas Operações de Manutenção da Paz. São duas constantes históricas que prologam a nossa trajectória secular e acrescentam valor humano à nossa posição e figurino internacionais.
- Em terceiro lugar face ao emprego das nossas forças armadas, salvo a guerra do ultramar 1961-1974, o soldado português teve que se adaptar sempre e integrar –se em formas de actuação diferentes, em exércitos aliados. Nós no ultramar, como diz o americano John Cann tivemos um modo português de fazer a guerra.
- Finalmente uma quarta constante que importa combater frontalmente com base na investigação e no estudo histórico e científico do factor militar, nos conflitos em que tomámos parte no século XX e XXI: o negativismo.

É frequente tratar a nossa participação militar na Grande Guerra, nomeadamente em Africa (NAULILA) e em França ( LA LYS), como uma grande derrota militar. Chega mesmo a afirmar-se que não houve nada pior, depois de Alcácer Quibir, de Naulila, e de La Lys fala-se de “desastre” e de “tragédia”. Da guerra do ultramar há quem afirme que perdemos militarmente a guerra. Para além da comunhão de afectos, num verdadeiro Império da Alma que importa desenvolver, há que, para o fortalecer, eliminar a tendência para evidenciar a leitura negativa dos factos, o derrotismo, deixando de olhar sistematicamente para o negativo que surge para lá do monte e nunca evidenciar o positivo que se nos apresenta, quando olhamos para lá do horizonte. Em La Lys, integrados no I Exército Inglês, sofremos com eles a rotura da frente perante uma ofensiva poderosa, contribuímos para que a retirada permitisse a continuação da batalha noutra frente e cinco meses depois desfilávamos em França celebrando a vitória daqueles com quem nos tínhamos aliado. Em termos de estratégia operacional e geral vencemos. Em Naulila, Angola, depois de um primeiro êxito português em Outubro, seguiram-se retaliações que culminaram com a confrontação em 18 de Dezembro, entre 8000 efectivos alemães e 2000 efectivos portugueses.

Após o confronto de que resultaram 12 mortos e 30 feridos do lado alemão e 69 mortos e 76 feridos do lado português, ambas as forças retiraram ordenadamente, sem perseguição e da parte das forças alemãs foi enviado emissário apelando à paz. Nenhum dos lados se pôde considerar vencedor. A ação contribuiu decisivamente para que após reforços o general Pereira D’Éça pudesse restabelecer a ordem e as fronteiras que, cem anos depois, ainda hoje vigoram entre dois países independentes. Naulila não deve pois ser vista como uma tragédia ou um desastre, mas como uma contingência táctica que contribuiu para uma vitória da estratégia operacional e geral, garantindo a manutenção das colónias por parte de Portugal.

O mesmo sucedeu em La LYS. Tratou-se de uma derrota táctica e de uma vitória estratégica. Quanto à guerra do ultramar é bom que reafirmemos que as Forças Armadas, ressaltando a Índia portuguesa, nas condições conhecidas, não perderam a guerra, como por vezes se lê e ouve. É pois importante que neste momento em que se aprofunda e investiga a história de acontecimentos bélicos, como a Grande Guerra, que se sublinhe e se desenvolva uma leitura positiva e abrangente em termos militares, abandonando de vez, a leitura catastrófica de episódios menos felizes em termos tácticos, mas que se valorizem, como contribuição para vitórias, se os enquadrarmos em termos estratégicos e mesmo políticos. É com esse espírito e visão que estamos aqui valorizando os feitos das tropas portuguesas em África e em França, na Grande Guerra, e a enaltecer a determinação, feitos e sacrifícios dos seus soldados.

## **A LIGA DOS COMBATENTES E A GRANDE GUERRA**

As consequências positivas da GG normalmente evidenciadas historicamente, são:

- A manutenção das colónias;
- A consolidação da república;
- Portugal poder sentar-se à mesa dos vencedores.
-

Ora eu sublinho uma quarta consequência feliz e positiva da GG:

- A criação da Liga dos Combatentes da GG.

A minha intervenção procurará:

Apresentar e caracterizar as fases do ciclo de vida orgânica e funcional da LCGG hoje LC:

- Apresentar e caracterizar o ciclo de vida político institucional da LCGG hoje LC
- Apresentar e caracterizar sinteticamente a LC de Hoje

Começemos por apresentar o que denominei ciclo de vida orgânica da LCGG. A vida orgânica e funcional da LC pode ser caracterizada por quatro fases distintas:

1. Fase de Gestação e Nascimento de 1919 a 1924. (6 anos);
2. Fase de Crescimento e Maturidade Evolutivos de 1924 a 1974( 50 anos);
3. Fase de Esquecimento e Apagamento de 1974 a 2004 ( 30 anos);
4. Fase de Reabilitação e Rejuvenescimento de 2004 aos nossos dias (13 anos)

## **FASE DE GESTAÇÃO E NASCIMENTO**

O apoio aos combatentes e famílias por parte do Estado, tem em termos institucionais, antes e depois da grande guerra uma única fase:

- A fase permanente do abandono.
- O abandono em tempo de guerra e o abandono após a guerra, abandono em tempo de paz.
- O apoio aos combatentes e famílias, porém, tem em termos não institucionais, logo, de iniciativa privada, tem duas fases.
- A primeira fase durante a guerra, ainda antes da existência da Liga dos Combatentes da GG.
- A sociedade civil organiza-se, em especial a partir da cidade do Porto, para apoio nomeadamente aos órfãos e as viúvas.

Entre diversas iniciativas de comissões e associações para o apoio ao esforço de guerra em Moçambique e Angola surge a Junta Patriótica do Norte, logo em 1916. Para apoio das viúvas a Cruzada das Mulheres Portuguesas.

Um mês após a declaração de guerra a Portugal pela Alemanha nascem essas duas instituições:

A JPN a 15 de Março de 1916 (oficializada a 8 de abril) e a Cruzada das Mulheres Portuguesas a 20 de Março do mesmo ano.

Dirigida pelo Dr. Alberto Aguiar, diplomado em filosofia, farmácia e medicina tem como grandes objectivos :

- O apoio aos órfãos
- A comemoração de efemérides
- A homenagem aos mortos
- O apoio aos soldados em campanha
- A mobilização para o conflito
- O despertar na população do Norte o patriotismo, dedicação e confiança na vitória.

No final a conservação das memórias de guerra através da construção de Monumentos em todos os Concelhos.

A construção de um monumento no Porto e a sua demolição levaria a a distanciar-se dessas tarefas que seriam assumidas pela Comissão dos Padrões da Grande Guerra criada em 1921.

A JPN associa-se ao Núcleo Feminino de Assistência Infantil (NFAI) dirigida por Filomena Nogueira de Oliveira e inauguram em 25 de Junho de 1917 a Casa dos Filhos dos Soldados, para crianças desde o nascimento aos 7 anos e após a construção de uma escola, alarga o apoio até aos 14 anos.

A Liga dos Combatentes evocará no próximo dia 25 de Junho o Centenário da Casa dos Filhos dos Soldados, hoje Complexo Social Nossa Senhora da Paz.

A JPN seria considerada uma dos melhores exemplos de assistência e filantropia. Inicialmente na Rua da Cedofeita no 458 e depois na Quinta Amarela.

No mesmo mês de Março, dia 16, de 1917 e imediatamente à declaração de guerra por parte da Alemanha surge a Cruzada das Mulheres Portuguesas, inspirada na sua congénere Francesa LA CROISADE DES FEMMES FRANCAISES (1915), dirigida por Eliza Dantas Machado, esposa do PR Bernardino Machado, agregando 80 mulheres. Organizam-se em Comissões (Propaganda, Enfermagem, Assistência aos militares mobilizados e comissão de hospitalização).

Já em 1912, Ana de Castro Osório, que viria a doar as actuais instalações da LC, havia criado a comissão feminina " Pela Pátria". A CMP impulsionaria outras instituições como o Instituto de Arroios para apoio dos mutilados da GG, a Casa do Trabalho em Xabregas e o Hospital Militar Português em Andaaia.

A sua acção decorreria, tal como a da JPN, até ao ano de 1936, sendo oficializada a sua integração na LCGG em 1938.

A GG porém terminaria em 1918. Os militares regressam. As necessidades de apoio social e à saúde dos militares multiplicam-se. As faltas dos apoios estaduais confirmam-se. A organização privada por parte dos combatentes que haviam participado na GG surge por iniciativa dos combatentes dos mais baixos escalões

embora logo na acta da primeira assembleia geral se sinta a necessidade de contactar desde logo alguém ligado aos poderes constituídos.

João Faria Afonso, soldado gaseado e evacuado para a retaguarda, o que o livrou da frente em 9 de Abril, promovido em campanha a sargento miliciano, tenta em 1919, sem êxito, criar uma associação para o efeito. Em 1921 porém, promove a primeira reunião com seu primo segundo tenente da marinha Horácio Faria Pereira e o tenente reformado Joaquim Figueiredo Ministro. A data dessa primeira reunião, na Rua de S. Paulo, em Lisboa, é hoje considerada a data da fundação da LCGG.

Horácio Faria Pereira e entretanto mobilizado para seguir no Cruzador República a fim de apoiar a viagem da Travessia do Atlântico por gago Coutinho e Sacadura Cabral. Seriam dois anos até ao eu regresso. Isso porém não impediu a continuação dos trabalhos de organização, embora os estatutos apenas fossem finalizados já em 1923, já com o apoio dos tenentes-coronéis Ferreira do Amaral e Aragão.

Ferreira do Amaral, que participou com o general Pereira d' Eça na expedição de pacificação do Sul de Angola em 1915. Serviu depois na Flandres como Major de 1917 a 1918 comandando o Bat de Infantaria 15. Regressado de França seguiu para Angola numa missão civil. Viria a ser o Primeiro Presidente da Agência de Lisboa da LCGG e simultaneamente Comandante da PSP de Lisboa. O tenente Cor Aragão, foi conhecido pelo herói de Naulila.

## **LIGA DOS COMBATENTES UMA FELIZ E ÚTIL CONSEQUÊNCIA DA GRANDE GUERRA EM PORTUGAL**

Primeira República, Primeira Guerra Mundial. Liga dos Combatentes. Trilogia que marca, ainda hoje, o século XX português. Sacrifício, Guerra. Solidariedade. Outra Trilogia que marcando toda uma época se transmitiu de combatente em combatente, de família em família, até aos nossos dias.

O 9 de Abril de 1918, dia da Batalha do Lys, é hoje evocado como Dia Nacional do Combatente, em Portugal.

É no nosso sentir profundo, um símbolo do conhecido esforço do soldado português ao longo dos séculos.

O 11 de Novembro, Dia do Armistício, transformou-se no país e em toda a Europa, num verdadeiro Dia da Paz entre as Nações.

Em Portugal o fim da guerra e o regresso dos soldados a Portugal conduziria, como disse, à incúria e ao abandono a que foram votados os combatentes que ultrapassou os limites da paciência e do razoável. Completamente desprovidos do mínimo auxílio legal, esquecidos e ignorados de tudo e de todos restando-lhes só o recurso de lamentarem as suas dores e as suas misérias. O grupo de Combatentes, já referido, liderados por um soldado ferido em combate na Flandres, promovido a sargento miliciano, licenciado após regressar a Portugal, decide então, em 1921, fundar o que

designou por Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Em 16 de Outubro de 1923 teria a sua primeira assembleia Geral e em Janeiro de 1924 veria os seus estatutos publicados no boletim oficial. Arrancava com 14 agências, oito subagências e cinquenta delegações ou seja 75 núcleos segundo o conceito actual.

Nascia uma Instituição que se mantém hoje com os mesmos objectivos: a promoção e defesa dos valores e a prática da solidariedade para com os combatentes e famílias.

## **PERÍODO DE CRESCIMENTO E MATURIDADE EVOLUTIVOS (1924 - 1974) - 50 ANOS**

Este período da vida da Liga é caracterizado por um reconhecimento da sua utilidade e implantação nacional. A sua visibilidade e credibilidade vai conduzir a que passados 15 anos da sua criação possa integrar os valores morais e materiais de 3 instituições que haviam desenvolvido enorme trabalho de apoio aos combatentes e famílias, mas se viam em condições difíceis de continuar a sua missão, nomeadamente em termos económico-financeiros.

Em 1935 é integrada na LCGG por decreto de 1935 a Comissão dos Padrões da GG.

Em 1936 é tomada a decisão pelos órgãos sociais da Junta Patriótica do Norte e pela Cruzada das Mulheres Portuguesas da sua integração na LCGG.

Em 1938 é oficializada em Decreto essa integração da JPN e da CMP passando a LCGG a ter responsabilidade moral e material de continuar as suas missões.

A LCGG aumenta assim a sua responsabilidade e implantação nacional.

Herda os valores morais e materiais.

Herda os valores morais e materiais.

Herda duas Torres Espadas, Valor, Lealdade e Mérito.

Em 1939, é mesmo reconhecido oficialmente ser uma Instituição de Utilidade Pública Administrativa.

Em 1939 tem já 131 Nucleos. Mais 44 Núcleos que em 1934, (87 Núcleos e 24851 sócios) antes da integração e mais 56 do que na Fundação. A situação mantém-se. Passados mais 20 anos no ano de 1961 e seguintes vê a sua dimensão estender-se aos territórios ultramarinos, aumentando o seu património mas mantendo os seus núcleos entre os 87 Núcleos em 1964 e 101 em 1969.

Durante o novo conflito no Ultramar de 1961 a 1974 foram colocados novos desafios à Liga dos Combatentes da GG, com novos problemas de saúde e de apoio social a surgirem. Mutilados, cegos, stressados, exigiram novos esforços à Instituição.

A partir de 1960 e com o aparecimento de novos combatentes e o desaparecimento de grande parte dos combatentes da GG a Liga assume a nova Designação de Liga dos Combatentes, tornando-se muito mais abrangente no seu universo e na hipótese da sua perenidade.

## **PERÍODO DE APAGAMENTO E ESQUECIMENTO (1974-2004) - 30 ANOS**

O 25 de Abril, porém, primeiro com a descolonização e a entrega do património da Liga aos novos países e o encerramento de Núcleos; depois com a ideia do Congresso dos Combatentes no Porto e um certo desfasamento do que se estaria a passar no País, e finalmente com um novo poder político contra a Guerra do Ultramar e que ao longo de anos ignorou os Combatentes do Ultramar, e os que tiveram de fazer a Guerra, conduziram a um definhamento da Liga dos Combatentes nas suas missões estatutárias.

Em 1975 caiu para 53 o número de núcleos da Liga, ano em que são desactivados 25 Núcleos.

Como afloramentos positivos desse longo período de 30 anos registro:

Em primeiro lugar um fenómeno social que conduziu em 1978, ao aumento muito significativo de sócios. 24411 em 1975 e 43711 em 1978, em virtude de, admite-se, se ter permitido o acesso aos supermercados militares aos sócios da Liga numa altura em que era possível adquirir ali os produtos mais baratos. A redução também foi significativa quando isso deixou de ter qualquer vantagem.

Outro momento alto a construção do Monumento aos Combatentes do Ultramar em Belém, Bem como a colocação das lápides com os nomes dos caídos no ultramar. Nesses 30 anos construíram-se alguns monumentos mas apenas 52 monumentos em todo o país. Entretanto, os Núcleos existentes em 1972 ( 93 Núcleos ), vieram-se reduzidos em 2004 a 63 Núcleos.

Por outro lado, após o 25 de Abril, deficientes combatentes organizam-se no âmbito do PREC, afastam-se da Liga dos Combatentes e criavam a Associação de Deficientes das Forças Armadas (ADFA), surgindo ainda outras associações de combatentes, algumas com orientações políticas.

A Liga dos Combatentes enfraquece materialmente mas não espiritualmente e mantém-se a única instituição de real apoio aos combatentes a nível nacional.

## **PERÍODO DE REABILITAÇÃO E REJUVENESCIMENTO (2004 AOS NOSSOS DIAS)**

Assumimos a Presidência da LC com 63 Núcleos sem Núcleos no Estrangeiro. Hoje temos 114 Núcleos dos quais 12 no Estrangeiro. Mais 51 Núcleos do que em 2004 e mais 39 Núcleos do que na Fundação da Liga. Nunca a Liga terá atingido este Número de Núcleos ou de Sócios, 68.000 sócios, com 181.000 cartões de sócios passados em 2017 contra 149000 passados até 2003. A Liga dos Combatentes saiu de uma pequena empresa a esmorecer, e é hoje uma média empresa sociocultural a crescer.

Se em 2004 a Liga dos Combatentes tinha 2 grandes áreas de actuação, a Direcção Central e os Núcleos, hoje em 2017, a Liga dos Combatentes tem materializado fortemente, uma terceira dimensão: - AS ESTRUTURAS SÓCIO-CULTURAIS:

- As residências de apoio à idade de ouro, no Porto e em Estremoz

- O jardim-de-infância e a creche no Porto
- Os 10 centros de apoio médico psicológico e social
- Os Museus do Combatente em Belém, das Oferendas na Batalha, Museu da Sede da Liga em Lisboa, do Núcleo do Porto, do Núcleo de Coimbra e de mais Núcleos Museológicos dos diferentes Núcleos, a Capela e o Memorial em Belém.

Estas estruturas socioculturais materializam no terreno a aplicação da verdadeira missão da Liga dos Combatentes, ou seja a promoção dos valores e a prática da solidariedade.

Resultam da definição de 6 Programas Estratégicos e Estruturantes que permitiram criar objectivos a longo prazo que vêm sendo sucessivamente desenvolvidos.

O Programa Fim do Império com a colecção Fim do Império materializa outra acção cultural permanente.

#### EM SÍNTESE:

	2004	2017
1 - Núcleos	63	114
2 - Sócios (cartões emitidos)	149.000	181.000
3 - Monumentos erguidos	52	330
4 - Núcleos no estrangeiro	0	12
5 - Dirigentes	350	650
6 - Funcionários	31	146
7 - Residências seniores	0	2
8 - Creches	0	1
9 - Jardim de Infância	0	1
10 - Talhões		
11 - Ossários		
12 - Capelas	1	2
13 - Memoriais	2	3

Significativo é também a execução do Programa Estruturante Passagem do Testemunho, verificando-se que cerca de 50% dos Núcleos tem já dirigentes que participaram nas Operações de Paz e Humanitárias, garantindo assim a continuação da perenidade da Liga dos Combatentes.

Nós, Liga dos Combatentes, herdeiros dos valores morais e materiais de uma História e de uma Tradição patriótica, humanista e cosmopolita, escrita pelos Homens-Soldados com suor e sangue português na lama europeia da Flandres e nas florestas e capins de Angola e Moçambique, continuamos a afirmar no centenário daquele holocausto e a testemunhar dizendo em voz forte: **A Liga dos Combatentes não esquece** nem esquecerá.

E a estrada da História marcou-nos, geração do fim do século XX, com fenómeno semelhante atirando-nos para terras africanas à procura da forma de melhor defender os interesses vitais do país, com os sacrifícios e o sangue que só a Pátria tem direito de exigir.



Hoje, somos conhecedores da misericórdia, solidariedade, apoio mútuo que ao longo de quase um século, a Liga dos Combatentes vem garantido a combatentes deficientes, traumatizados, idosos, carenciados, excluídos socialmente incluindo suas famílias, numa acção complementar dos deveres do Estado, sem nunca ter fechado as suas portas.

Isto permite-nos gritar bem alto, àqueles que se batem hoje fora das fronteiras do país, na defesa dos interesses nacionais, que vale a pena respirar o ar do dever cumprido. E se algum dia, após o regresso, a vida os trair, sabem que existe uma Instituição Perene que os apoia hoje e apoiará no futuro.

O Passado, o Presente e o Futuro, trilogia da Vida conjugam-se na Liga dos Combatentes, desde a Primeira República aos nossos dias, sempre da mesma forma:

- Promoção dos Valores;
- Prática da Solidariedade;
- Permanente defesa dos direitos e deveres do Combatente português.
- Promoção da Paz e Segurança.

Esta filosofia e princípios reafirmamo-los hoje na evocação do centenário da Grande Guerra.

Nos cento e catorze Núcleos existentes, a Liga dos Combatentes apoia diariamente os combatentes no esclarecimento e encaminhamento quer de assuntos de carácter militar do seu interesse, quer no apoio e resolução de problemas de carácter social e da saúde, não esquecendo a cultura, o ensino, o trabalho, o lazer, em quatro palavras, os Valores, a Solidariedade e o Apoio Mútuo.

Gostaria de ver melhor reconhecida essa capacidade de resposta e de economia de meios que é intrínseca à Liga dos Combatentes. Sobre as suas actuais actividades permitam-me que fale mais de resultados do que de problemas e transmita a convicção e determinação de que ultrapassaremos as dificuldades que se nos deparam, desenvolvendo os seis Programas Estratégicos e Estruturantes que definimos:

No Programa Liga Solidária, inaugurámos um Complexo Social na cidade do Porto por adaptação do Lar dos Filhos dos Combatentes, com uma residência para seniores, um infantário e uma creche e construámos a Residência S. Nuno de Santa Maria na cidade de Estremoz

No Programa Conservação das Memórias, para dignificação do lugar onde se encontram inumados militares portugueses em todo o mundo, iniciámos o programa pela Guiné Bissau, efectuando cinco operações, criando um ossário em Bissau e dignificando ali o cemitério, efectuando trasladações para Portugal a pedido das famílias. Seguiu-se Moçambique com sete operações e a constituição de um ossário em Nampula. Efectuámos igualmente ações em Richebourg e Boulogne-sur-Mer, em S. Tomé e Cabo Verde.

A recuperação e manutenção das três centenas de talhões existentes em Portugal, incluindo a cripta do Alto de S. João, completaram um trabalho permanente de um programa exigente e sem fim.

No Programa Cuidados de Saúde materializámos a criação de dez de Centros de Apoio Médico Psicológico e Social no país para apoio à saúde e apoio social dos combatentes e famílias, nomeadamente no apoio ao stress pós traumático.

Damos relevo ao Protocolo estabelecido com a Ordem Nacional dos Psicólogos e ao aumento das necessidades de apoio à deficiência física e mental e apoio social, sem meios necessários e suficientes, havendo que reduzir despesas e apoios.

No Programa Cultura Cidadania e espírito de Defesa para além dos prémios escolares atribuídos a alunos dos estabelecimentos de ensino militar que se distinguiram nestes âmbitos, assinalo as dezenas exposições levadas a efeito no Museu do Combatente bem como as centenas de exposições organizadas pela DC com acervo próprio, em apoio dos núcleos e em cooperação com as autarquias.

No âmbito do estudo e investigação da guerra do ultramar a continuação da Tertúlia Fim do Império com já 170 sessões e a edição de 29 livros da Colecção com o mesmo nome, em colaboração com a Comissão de História Militar e a Câmara Municipal de Oeiras.

No que se refere ao Programa Modernização e Inovação sublinho a continuação do esforço de dignificação das instalações dos Núcleos e a sua informatização. Finalmente no Programa Passagem do Testemunho, procurámos, com os Ramos das Forças Armadas e as Forças de Segurança, divulgar os nossos objectivos, verificando-se na prática resultados positivos que se evidenciam pela existência de elementos jovens na Direcção de cinquenta por cento núcleos da Liga.

Minhas senhoras e meus Senhores

Somos uma instituição transversal da sociedade portuguesa. Temos membros que vão do sem- abrigo a sua Exa o Presidente da República, do carpinteiro ao engenheiro, do soldado ao general, do agricultor ao empresário. Somos pois, uma instituição complexa onde convergem todas as sensibilidades da sociedade portuguesa. Vivemos e sentimos por isso os problemas que afectam as pessoas e a sociedade em geral. O seu bem-estar é o nosso bem-estar.

A sua tristeza é a nossa tristeza. E com as suas vivências que nos debatemos dia a dia, como qualquer cidadão ou organização nacional.

O que nos suporta enquanto Instituição e nos transforma num conjunto coeso e determinado, integrador de todas as sensibilidades, é essa massa aglutinante dos Valores Superiores porque um dia nos batemos e a Solidariedade e o Apoio Mútuo que há cerca de um século praticamos. Enfim, essa eficiente mística, estratégica e tacticamente articulada, que resulta da condição de termos sido militares, parte das nossas vidas, ao serviço das Forças Armadas portuguesas.

No nosso caso, combatentes em momentos históricos da vida de Portugal. Temos por isso moral para afirmar que, nas crises como na guerra, é preciso coragem e determinação para vencer, mas as vitórias só terão o seu real valor, se o nosso comportamento for exemplar e a ação, quer estratégica quer tática, conduzida da forma mais humana possível.

### **CICLOS DE VIDA DA LIGA NA SUA RELAÇÃO COM O PODER POLÍTICO.**

A Liga dos Combatentes nasceu por iniciativa de combatentes e organizou-se democraticamente numa primeira fase da sua vida, elegendo os seus dirigentes.

Numa segunda fase, com o nascimento do Estado Novo, a Liga com a tutela do Governo passa a ver nomeado e não eleito o seu Presidente, o que sucede até 1974.

A partir desta data, embora sob tutela do Ministério da Defesa Nacional, a Liga dos Combatentes volta a organizar-se democraticamente, sendo os seus dirigentes eleitos pelos sócios.

Se na segunda fase (1926-1974) – 48 anos – o poder político procurou esquecer a Grande Guerra, fenómeno idêntico se passaria após 1974 em que o poder político procurou esquecer a Guerra do Ultramar.

Nestes três ciclos de vida na relação com o poder político, porém, a Liga dos Combatentes teve sempre algum apoio do Estado através do Ministério da Defesa Nacional e desde a sua criação fosse qual fosse o Governo do País, nunca fechou as suas portas e cumpriu a sua missão.

Somos uma instituição do Passado, do Presente e do Futuro.  
Somos fiéis ao nosso novo grito:

*Liga dos Combatentes?! Valores Permanentes!  
Liga dos Combatentes?! Em todas as Frentes!*

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues